

REVISITANDO NASCENTES

José Carlos de Azeredo (UERJ)

NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos*. Volume dedicado à memória de Antenor Nascentes, organizado por Raimundo Barbadinho Neto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003, 746 p.

Desde os anos 70, ao longo dos quais, graças à criação dos cursos de pós-graduação em Letras, institucionalizou-se na universidade brasileira a pesquisa lingüística, o interesse pela deriva da língua portuguesa no Brasil cresceu vertiginosamente. É claro que esse interesse remonta ao século XIX, quando o quadro político da Independência e o contexto cultural do Romantismo potencializaram os sentimentos nacionalistas. Nesta época proliferaram tentativas de comprovar a independência lingüística do Brasil em face da língua do colonizador português. O foco predileto era o vocabulário, que entre nós se alterou bastante com a anexação de palavras de origem indígena e africana. As teses a favor da diversidade lingüística entre Brasil e Portugal perdem fôlego, contudo, nas duas últimas décadas daquele século, quando um espírito conservador e elitista passou a marcar o debate sobre a questão lingüística brasileira. A língua que se escrevia era vigiada por puristas zelosos das 'tradições clássicas do idioma', que exaltavam o ideal de um padrão de língua literária comum aos dois países. O tema da identidade lingüística brasileira teria de esperar pelo século seguinte para ser debatido e equacionado com mais rigor metodológico.

No começo do século XX, a imprensa amplia o elenco de colaboradores oriundos da atividade literária e cresce o contin-

gente de alfabetizados, aptos à leitura de jornais. Ressurge o debate sobre a legitimidade literária de formas de expressão tipicamente brasileiras, populares ou coloquiais, favorecendo a discussão sobre as peculiaridades do português do Brasil. O interesse pelo mapeamento das particularidades do português brasileiro cresce impulsionado não tanto por certas veleidades nacionalistas, mas, sobretudo, pelo prestígio que os estudos dialetológicos alcançariam entre nós logo após a fundação da Geografia Lingüística, que, reagindo à onda neogramática do final do século XIX, se firmara como ciência. Prestigiada como estudo científico, arrimada numa metodologia de trabalho de campo considerada rigorosa, a Dialetologia imprimia à pesquisa lingüística um rumo novo e promissor. Assim foi que, em 1920, Amadeu Amaral inaugurou a autêntica dialetologia brasileira com *O dialeto caipira*, e Antenor Nascentes deu a conhecer suas investigações sobre *O linguajar carioca* (1922, segunda edição ampliada em 1953). Em 1934, consolidando essa etapa, publica-se *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim.

O mais célebre resultado dessa reorientação no cenário brasileiro é o *Atlas prévio dos falares baianos*, elaborado por uma equipe de pesquisadores sob a orientação de Nelson Rossi e publicado em 1963.

O exemplo de Nelson Rossi é, todavia, isolado. Com efeito, a maior parte dos estudos lingüísticos realizados no Brasil até os anos 60 foi levada a cabo em atividades de âmbito individual, muitas vezes graças a acervos bibliográficos montados pelo próprio pesquisador. Não existia entre nós a pesquisa universitária como a conhecemos hoje, sujeita a regulamentos emanados de agências de fomento e em casos exemplares financiada por essas agências. Foi naquele contexto que a maioria dos filólogos brasileiros da primeira metade do século XX, na qual sobressai a figura de Antenor Nascentes, produziu suas obras.

A pesquisa sobre a língua portuguesa deve a Antenor Nascentes incursões pioneiras em dois domínios principais: o da

etimologia (*Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2 vols.: 1932-1952) e o da dialetologia (*O linguajar carioca*, 1922, e *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*, 1958). Lexicógrafo, preparou a pedido da ABL o *Dicionário da língua portuguesa* (4 vols.: 1961-1967) e um utilíssimo *Dicionário de sinônimos* (1957). No campo didático, destaca-se a inovadora série *O Idioma Nacional*. Notável também é o conjunto de ensaios sobre as formas de tratamento no português do Brasil, abordadas em perspectiva histórica e – pode-se dizer – sociolingüística.

Seguramente os dicionários são as obras mais difundidas de Antenor Nascentes. Menos conhecidos, porém, visto que ordinariamente publicados em revistas, são vários dos ensaios contidos no volume *Estudos Filológicos*, primeiro da Coleção Antônio de Moraes Silva, editada sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras e dirigida pelo Prof. Evanildo Bechara.

Os textos que o integram, reunidos graças à competente dedicação do Prof. Raimundo Barbadinho Neto, compõem três partes. A primeira contém, sobretudo, informações sobre a produção bibliográfica do homenageado; a segunda consta de três artigos em que Zdenek Hampejs, Celso Cunha e José Oiticica focalizam a obra e a personalidade intelectual de Antenor Nascentes. A terceira divide-se em doze seções que retratam a diversidade de aspectos da língua estudados por Nascentes. Em cada um desses textos depara-se ao leitor o mesmo espírito aberto para a dinâmica da língua, como no ensaio em que justifica, mediante argumentação de ordem estrutural, o emprego de *lhe* como objeto direto (*Lheísmo no português do Brasil*):

Até hoje os gramáticos se têm recusado a admitir este fato da língua. (...) Os que, respeitando embora os ditames razoáveis da gramática, olham para a evolução natural da língua e aceitam os fatos consumados contra os quais é inútil lutar, pensam de outro modo e admitem *lhe* como objeto direto. Eu pertenço a este número. (p. 447).

Antenor Nascentes foi um pesquisador incansável, a quem não escapou qualquer aspecto da língua. Seus trabalhos versam sobre a mudança histórica e a dialeção territorial do português, a etimologia e o valor social das palavras, a posição da língua portuguesa no contexto românico e as alterações que ela recebe em boca estrangeira, seu emprego na correspondência oficial e seu ensino na escola secundária. Dedicou-se, portanto, com competência e desenvoltura às exigências mais sofisticadas da pesquisa e aos compromissos quotidianos do exercício do magistério, não apenas conciliando-os, mas, principalmente, fazendo-os dialogar de forma mutuamente enriquecedora. Essa polivalência traduz a personalidade de um intelectual que, comprometido com seu tempo, se pôs a serviço da cultura e da educação no país. Muito justa, portanto, a seguinte ponderação de Celso Cunha: “Nenhum lingüista brasileiro teve como ele o senso da oportunidade de uma obra” (p. 166).